



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA

PROF.: ERONIDES CÂMARA

NAIARA LEONARDO ARAÚJO

MEMORIAL

Campina Grande

Dezembro/2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

MEMORIAL

Nasci em 19 de maio de 1990 na cidade de Quixelô. Sou filha de Josileide Leonardo de Araújo e Francisco de Sales de Araújo, ambos da região de Acopiara. Tenho um irmão chamado Samuel, mais novo que eu quase três anos. Não me dedicarei a detalhar o restante da família por conta de seu tamanho (somente pela família de meu pai contabilizou 13 tios e aproximadamente 48 primos.) Portanto, com o passar dos relatos, se for necessário vou mencionando familiares que estiveram mais próximos de mim.

Algumas histórias sobre meu nascimento escutei com frequência e talvez por tal frequência creio que sejam importantes. Meu pai, que morava em São Paulo, tinha ido visitar seus pais no Sítio Santa Felícia e lá conhecera minha mãe, filha de uma prima dele. Em suas férias conversou com os pais de minha mãe e em seguida a sua volta, minha mãe, que tinha vários irmãos residindo em São Paulo, viajou para lá também. Seis meses depois se casaram com o consentimento de um irmão mais velho dela, pois ela tinha apenas 16 anos e meu pai 32. Permaneceram em São Paulo até o momento que Collor resolveu congelar as contas bancárias e muitas pessoas terem ficado desempregadas. No meio dessa lista se encontrava meu pai e nesse momento eu estava perto de nascer.

Contrariando, então as indicações do médico que fizera o pré-natal, meus pais viajaram de volta para o Ceará, me lembrando sempre de contar essa história, que eu quase nascia na Bahia. Poucos dias após ter chegado na casa de meus avós paternos nasci. Meus primeiros meses de vida foi ali, no sítio em que meu pai nascera e se criara, na mesma casa de meus avós. Somente quando eu estava perto de completar um ano de vida foi que nos mudamos para uma pequena casa construída bem próxima da casa de meus avós. Minha vó, Nazaré, em vários momentos me contou um episódio que não consigo esquecer: eu com dois meses de vida segurando a mamadeira e me alimentando sozinha. Sempre me perguntava onde meus pais estavam nesse momento ou por que ela mesma não me alimentava. Ela me respondia então,

que todos estavam muito ocupados por conta de diversos serviços que precisavam fazer.

A minha primeira casa propriamente dita não parecia ser como a tenho na memória. O que sei dela nesses primeiros anos de existência são relatados por meus pais. Aí vivi até meus 8 anos, quando meu pai conseguiu um emprego na área dele mesmo, torneiro mecânico, na cidade vizinha, Iguatu, e para lá nos mudamos. Mas antes de falar sobre essa nova fase, creio ser interessante relembrar alguns episódios que trago na memória. Lembro-me do dia em que aprendi a andar de bicicleta, das várias brincadeiras com minhas primas Natália e Samara – e brigas também. Das festas que reunia toda a família em Natal e Ano Novo, quando tudo parecia tão legal e divertido. Não me recordo do dia em que meu irmão nasceu porque eu não tinha nem 3 nos completos, mas esse deve ter sido um episódio muito importante. Recordo-me vagamente dos colegas de escolinha que aos poucos foram sendo esquecidos por mim mesmo sem querer.

Falar sobre esses episódios na maioria das vezes me trás sentimentos tristes, vontade de chorar. Não porque não tenha sido uma época boa, mas pelas análises que fui fazendo ao longo de minha vida sobre esses eventos eles acabaram ficando impregnados por sentimentos de tristeza impossíveis de serem escondidos agora. Por exemplo, dos primeiros amigos que tive nenhum hoje faz parte da minha vida e eu sempre me perguntava por que. Penso que meu pai os considerava de famílias ruins, pois o que ouvi com frequência depois que me mudei e lá retornava para visitar meus avós era “você não pode se misturar com essas pessoas. Fulaninho tem um pai que é metido nas coisas erradas e aquele outro lá não presta”. E por conta dessas proibições fui me afastando, esquecendo coisas que ali vivi, pois já não estava sendo interessante para mim relembrar ou visitar aquele lugar. Os únicos episódios que guardo são de recreios na escola com alguns colegas, as brincadeiras de esconde-esconde, de bola, etc. Se eu tentasse aqui mencionar o nome de algum deles, só me lembraria de primos, os demais parecem ter sido esquecidos aos poucos mesmo que eu me esforçasse para preservá-los.

A melhor lembrança que tenho, contudo, desses anos no sítio de meus avós não se encontra associado a ninguém ou a algo que devesse ser especial, mas para mim se tornou porque parece ser o único momento dentre os que me recordo em que a pureza do acontecimento se mantém preservada na minha memória, nenhuma interferência posterior conseguiu rachá-la. A cena parece congelada na minha frente e a barreira do concreto me impede de poder tocá-la, mas a vejo: ali estou 6 anos de idade provavelmente, sentada no chão do alpendre da minha casa, sentindo o ventinho da manhã bagunçando meus cabelos e eu, descansada, sem preocupações, tristezas ou raivas, apenas apreciando a paisagem a minha frente, meu jardim bem cuidado com flores e árvores de frutos que eu adorava subir para pegar algo quando estava com fome. Esse foi o momento mais lindo que preservei, talvez porque nenhuma concepção exterior poderia atrapalhar na minha relação com a natureza.

Ao chegar em Iguatu, no dia 25 de janeiro de 1999, um feriado de comemoração do município, só pensava que estava me mudando para “a cidade”. Eu deixava de ser “caipira” e meu pai me dizia “aqui vocês estudarão para ser gente, vencer na vida”. Eu e meu irmão passamos a estudar em escola particular a partir daquele ano. Ele estava começando ali e eu ia para a terceira série. Era uma escola pequena, chamava-se E.E.F. Juscelino Kubitschek, situada perto de minha casa – que não era nossa, mas de meu tio – e mamãe ia nos deixar e buscar todos os dias no início. Minhas notas não eram muito boas, principalmente nas disciplinas de cálculo e, por isso, meus pais tiveram de pagar aulas extras, particulares. Quando foi na quinta série fui estudar em outro colégio, E.E.F.M. Ruy Barbosa, maior, mais caro e com um ensino melhor. Era mais distante de minha casa e eu fazia o percurso com minha tia, pois meus primos, Eduardo e Filipe também estudavam lá. Nesse colégio aumentaram minhas dificuldades nas disciplinas e até o final do ensino médio não teria um ano que eu não fosse para a recuperação semestral ao menos em uma disciplina, por poucos pontos que fosse. Costumo lembrar que a minha paixão pela história tem seu surgimento a partir dos castigos que me impuseram. Logo que me mudei para esse colégio, e fiz as primeiras provas de história, tive notas muito baixas. Meus pais, com medo de que eu reprovasse o

ano, me forçavam a ficar todo dia uma hora e meia lendo um capítulo de história para quando chegar o dia da prova eu sabê-lo decorado. Depois desse esforço todo e dos resultados com minhas notas, passei a preferir as disciplinas de leitura ao passo que continuava odiando as disciplinas de cálculo.

As série que lembro com mais saudade foi da oitava, no ensino fundamental, e do primeiro, no ensino médio. Considero esses dois anos com tendo sido de grandes mudanças na minha personalidade e muitas das minhas escolhas nesses anos ainda hoje estão comigo (e estarão até o fim, eu imagino). A oitava série era a última do ensino fundamental. Assim que começamos o ano combinamos de fazer tudo que não havíamos tido coragem nos anos anteriores. Éramos um grupo de 5 ou 6, eu, minha prima Natália, e três colegas que ainda recordo os nomes, Rui, Polako e Patrick.

A primeira de nossas brincadeiras veio da mente de Polako, fazer uma bomba caseira, que chamávamos de “peido chinês” e soltá-la no intervalo. Nos intervalos, alguns professores e empregados ficavam circulando pelos corredores vigiando os alunos enquanto o diretor ficava fiscalizando se não havia ninguém dentro das salas ou no portão que dava acesso ao colégio vizinho – este sendo um colégio público do qual não podíamos ter nenhum contato com os alunos enquanto estivéssemos ali. Diante dessa situação, eu me prontificava a ficar despistando a atenção dos professores próximos ao local em que escondíamos a bomba, enquanto Polako colocava e ascendia-a. Era muito engraçado e o cheiro ficava insuportável sendo preciso, às vezes, sair do local. Em algumas vezes conseguimos fazer com que as aulas fossem suspensas. Fizemos essa brincadeira umas 3 vezes, mas depois achamos que já estava ficando chato, perdendo a graça. Então começamos a pensar em outras coisas e, meio sem querer, uma brincadeira mais divertida surgiu – assim eu achava naquele momento.

As salas de aula eram decoradas com desenhos colados na parede – ursos, flores, etc. Alguns desses enfeites estavam começando a cair. Então, pegávamos e os colocava nos assentos para que a pessoa, ao levantar, estivesse com uma flor colada na calça. De repente, a turma toda em algum

momento fez a mesma brincadeira, com colegas e alguns professores mais descolados. Porém, essa brincadeira também foi ficando sem graça e era preciso inovar. A idéia mais uma vez veio de Polako: escrever frases para colar nas costas dos colegas ou para fazê-los sentar em cima. “Me chute” foi a primeira delas, depois “Sou gay” e assim por diante. Tudo era apenas brincadeira, mas em um certo dia inventamos de fazer essa brincadeira com o professor de inglês. Eu sentava na primeira cadeira da fila e os outros iam sentando atrás de mim. A brincadeira vinha lá de trás e minha prima me pediu para colocar na cadeira do professor – que no momento estava escrevendo no quadro. No papel tinha escrito “Fuck me”. Não dei muita atenção, ou talvez não tenha achado que seria motivo para complicações. Apenas ri e coloquei na cadeira. O professor, esperto que foi, observou um papel em cima da cadeira antes de se sentar e pegou para ver o que era. Pronto! Naquele momento o grupinho se desfaria sem muitas opções. O professor chamou o diretor, que resolveu cancelar nossas aulas de inglês enquanto não aparecesse o culpado e os nossos pais seriam avisados. Uma colega da gente resolveu denunciar Polako e Patrick, que já haviam sido suspensos outras vezes por outras brincadeiras isoladas. Eles assumiram a culpa, juntamente com Rui, e disseram que eram os únicos a fazer as brincadeiras. Os três foram expulsos e, o diretor sabendo que tinha mais gente envolvida, deu um grande sermão elogiando o papel dos meninos em proteger os amigos, e nos impondo medo diante da atitude que tomara. Depois do grupinho desfeito não tínhamos mais tantas ideias. Os motivos que viriam a me fazer ser suspensa de aula seria por ter respondido a algum professor de forma grosseira ou por ter permanecido em locais que nos intervalos não era permitido. As brincadeiras cessaram, e como o próprio diretor afirmou depois “a paz voltou a reinar”.

Nesse ano também, comecei a ter contato com novos estilos musicais, principalmente o rock. Eu estava com 14 anos e o rock me atraía muito, tanto por causa de suas letras, da batida, da forma de se vestir, como também pela própria trajetória de vida dos cantores e das bandas. Esse mundo começava a me fascinar. Cantores ou simplesmente roqueiros, eram todos revoltados com a sociedade, coma a religião, com o mundo em geral. O grupo deles em Iguatu falavam de questões políticas, sobre socialismo, anarquismo, debatiam Karl

Marx e se deliciavam com as músicas de estilo pesado. Comecei a conhecê-los para facilitar meu contato com novas bandas e conseqüentemente passei também a, cada vez mais, me vestir parecido com eles. O preto começava a reinar entre minhas roupas, as correntes, pulseiras de caveiras, a maquiagem pesada, o all star ou coturno, uma linguagem própria do grupo, os sábados dedicados a beber na praça e trocar ideias sobre as bandas, os domingos a tarde a falar sobre política, capitalismo, religião, Marx, socialismo, nossas formas de pensar e entender o mundo. Era tudo muito interessante e todos querendo muito parecer rebeldes revoltados com tudo. Meus pais me arrastavam para a missa a força, me matriculara em aulas para fazer a crisma, enquanto eu fugia dessas aulas para ficar com o pessoal conversando na praça.

Essas coisas ficaram mais intensas na minha vida a partir dos 15 anos. Eu deixava de assistir aula para encontrar com a galera, nos intervalos ia para o portão que fazia fronteira com a escola pública e ficava conversando com alguns amigos que estudavam lá, batia boca com alguns professores que criticavam meu estilo “roqueira” de ser, etc. Talvez tivesse ido mais longe se não fosse meus pais terem começado a me barrar, proibir de sair em alguns momentos, com alguns colegas, na forma que eu queria. Muitas vezes acabei optando por ficar dentro de casa do que sair para os locais que eles queriam e não para aqueles em que eu queria. Eu era apenas uma adolescente e não conseguia ser compreendida por eles. Então, aos poucos tive de ir recuando, deixando de sair tanto com os amigos, passando a usar menos correntes, preto, ou tênis, indo de vez em quando a missa. Com o tempo meus pais foram percebendo que nem todos os que eles chamavam de “vagabundos” tomaram rumos dignos do conceito recebido e com o passar do tempo pude ir mostrando para que eu nunca havia de fato deixado de conversar com esses amigos tanto criticados, ou deixado de escutar rock, músicas consideradas por eles “coisa do satanás”.

Depois de alguns anos meus pais foram aceitando meu estilo e eu fui mudando minha postura, minha forma de dialogar com eles sobre esse assunto. Percebi que a imagem não quer dizer muita coisa para definir o caráter da pessoa, então eu continuei usando somente preto, correntes e

coturnos não iria me fazer gostar mais, ou menos, de rock. Pela mudança na aparência consegui fazê-los perceber mudanças em mim. Eu abandonava minha postura radical, mas não deixava de acreditar ou curtir o que havia conhecido há poucos anos. Tal postura para mim foi muito difícil no início, pois eu não queria me afastar de nada em que estava sendo obrigada. Permaneci um bom tempo caseira, sem interesse de frequentar determinados locais, ou de ver determinadas pessoas.

Eu precisava de um tempo para entender os motivos de meus pais terem feito isso, ou de eu estar reagindo dessa forma. E mais, esse era um momento importante nos meus estudos, era os dois últimos anos do ensino médio e eu tinha de me preocupar com o que viria depois. Trabalhar ou fazer um curso superior? A primeira opção estava praticamente fora de questão. É tradição de família que os filhos façam um curso superior, um curso de preferência que lhe dê uma profissão bem reconhecida e remunerada. Minha opção por muito tempo foi Direito, talvez influenciada pela minha tia (Maria), mas principalmente porque as outras opções pareciam não se encaixar comigo. Meu pai queria que eu me formasse em medicina, minha mãe em psicologia, e eu nem estava certa quanto a Direito. Somente no meu terceiro ano, e já no segundo semestre dele, foi que algo me inspirou para tentar outro curso. Nessa altura do campeonato eu já havia me inscrito em Direito na UEPB e URCA, e estava descontente com alguma coisa.

Foi então, que um professor meu de História me ajudou a abrir a mente para o que de fato gostava, pois não estava conseguindo enxergar claramente. As aulas do professor Magnus Galeno eram maravilhosas, ricas em detalhes, cheias de sugestões e trazendo uma nova abordagem de ensino, de visão da história. Eu ainda me encontrava naquelas ideias de marxismo, socialismo, com meus colegas me apelidando de "Che" porque eu o considerava um grande guerreiro. O mais interessante era que apesar de eu gostar muito das aulas de Magnus, eu o considerava um "discrente", um professor que abandonara os ideais marxistas e se acomodara com a situação atual. A nossa forma de pensar o mundo, a política, os acontecimentos em gerais, divergiam e nos intervalos de suas aulas nos sentávamos em sua mesa para longas discussões. Eu defendendo a luta, e ele dizendo que devíamos pensar novas

abordagens. Eu falando de Che Guevara, e ele me pondo indagações sobre quem havia sido Che Guevara. Nada disso eu conseguia entender direito naqueles dias de discussões que por vezes chegava a me chatear, mas elas foram o mais importante e o que mais me inspirou em colocar no vestibular da UFCG História. Outro curso que muito poderia me interessar, mas que naquele tempo só vim a tentar porque era a única opção que me agradava em tal universidade foi o curso de Letras, na UECE de Iguatu.

Considero meu terceiro ano, o mais chato e triste que tive depois dos tumultuados anos de oitava série e primeiro ano, porque resolvi me distanciar de muita coisa ao mesmo tempo, pessoas que eu gostava, lugares que eu freqüentava, coisas que eu gostava de fazer. A única coisa que eu pensava era em mudança, eu pedia por novos ares, um novo estilo de vida, queria viver novas experiências. Passei então a concentrar todo o meu tempo livre para estudar para o vestibular e a escolher prontamente que tudo desse certo para meu ingresso na UFCG. Essa era a minha escolha, História na UFCG. Meus textos escritos naqueles dias não me deixam mentir, era isso o que eu mais queria.

Quando terminei de fazer todos os vestibulares observei justamente o que mais havia pedido. Na UEPB não passei, na URCA fugi do tema da redação e na UECE não pude fazer a segunda fase porque coincidiu com a da UFCG. No final de tudo eu havia passado somente na UFCG. Meus pais de início me proibiram de fazer o curso e minhas tias disseram que eu queria uma vida de fome. Enfim, todos me disseram para não fazer o curso de história porque era perda de tempo, o melhor era fazer cursinho e tentar Direito no ano seguinte. Mas eu estava ciente que queria ao menos iniciar o curso. Talvez nem chegasse a concluir, mas eu precisava ver se era de fato como imaginava. E quando pensava no curso de História imaginava hippies, ou pessoas que iam a luta, protestavam, criticavam, possuíam um estilo diferente, etc. As pessoas me diziam que só tinham drogados, revoltados, e eu ficava me perguntando se alguns fariam a fama de todos ou se realmente era assim (fato que nunca acreditei por ser tão geral). Sempre me opus a essa maneira de estratificar todos em uma mesma forma de comportamento, ou de estilo, pelo simples fato de você estar em contato com pessoas assim. E a liberdade de cada um

escolher o que quer? Eu não dava a mínima atenção para esses comentários, a única coisa que eu queria era conhecer, viver a experiência e se não gostasse poder eu mesma dizer que não era isso que queria.

Depois de muito argumentar consegui convencer meus pais que era de fato o que eu queria. No fundo acho que eles estavam mais preocupados com as contas de anos em que ainda teriam de me sustentar e muito menos com o fato de gostar ou não. Digo isso, pelas perguntas deles ao longo do tempo: “você tem como terminar em 3 anos?”, “já está perto de terminar?”, “você não consegue bolsa que nem Tales não?”. Todas essas perguntas me inquietavam. Eu me encontrava sozinha em uma cidade que acabava de conhecer. Minha mãe não gostara daqui, meu pai só viera uma única vez me visitar e meu irmão também. No restante do tempo estive sozinha, vendo os familiares dos meus colegas de apartamento (Tales e Elton) vindo com frequência visitá-los. No fundo eu me sentia mal, de início, e me questionava por que não vinham aqui também. Depois fui me acostumando com o distanciamento, pois esse parecia ser o de menos. Lembro-me das várias vezes em que liguei para casa querendo chorar, alguém que me consolasse, pelo excesso de atividades na universidade, por problemas de convivência, com alimentação ou mesmo doente e as palavras de conforto que ouvi foram “você foi quem quis ir estudar fora, ninguém te mandou ir e agora quer que eu faça o que? Não ta agüentando, venha embora.”. Na época essas palavras me doíam muito mais do que qualquer problema que estive passando. Eu buscava consolo e ouvia palavras de despreocupação, pelo menos era o que eu achava. Ao desligar o telefone me encontrava com mais raiva do que antes e pensava comigo mesma, “não desistirei, não darei esse gosto a ninguém, irei até o fim, doe o quanto doer”.

Frases passaram a me consolar. Parece estranho, ou engraçado, mas quando eu via uma frase que me chamava atenção a escrevia no guarda-roupa, na porta do quarto, num papel e colava na parede. “A História é a marcha do espírito em busca da liberdade” foi a primeira que escrevi. A li pela primeira vez em um texto de José Carlos Reis na disciplina de Introdução ao Estudo da História, no primeiro período e a coloquei para que nunca esquecesse o que sempre me motivou a lutar por tudo, pela liberdade, mesmo

que ela possa ser apenas uma palavra que nunca será alcançada, ainda é o que me motiva mais. Depois, no período seguinte, pagando a disciplina de Introdução à Sociologia conheci Giddens e estudando para um seminário vi uma frase dele que já tinha comigo a muito tempo e não sabia que alguém havia falado sobre isso, “toda confiança é num certo sentido confiança cega”. Ela me recorda todos os meus medos de confiar no outro, as dificuldades em acreditar que podemos ter amigos sempre prontos a estarem do nosso lado. Esta frase esteve comigo desde então, mas posso afirmar com certa segurança que nesses anos, distante de casa, pude encontrar pessoas que estiveram prontas para me ajudar quando precisei e diante de todo meu pessimismo pude observar o quanto encontramos pessoas boas no mundo.

Passei a refletir mais sobre esse assunto e comecei a achar que podia estar esperando muito das pessoas. Então, decidi não esperar, apenas ver o que a relação com o outro tinha a me oferecer, e assim pude presenciar situações melhores, confiar – mesmo que cegamente – nas pessoas que podiam contar ou que podiam contar comigo. Hoje guardo com muito carinho a amizade de Esdras, a primeira pessoa que conheci no curso de História no meu período e juntos vivemos loucas histórias. Vanga, Fabrina, Suleyman, Gleydson, também são alguns desses amigos que fui fazendo ao longo desse tempo. Mas essa relação só me foi permitida entender melhor quando observei mais uma frase, do psicólogo Jean Rostand “ser adulto é ser só”. E mais, um anime visto nos momentos de lazer trouxe uma frase que me ensinou a ser mais atenciosa, menos exigente na relação com o outro: “algo que você perde nunca retornará” de Kuroshitsuji. Essas foram as frases de minha vida acadêmica, que estiveram para me auxiliar quando a única coisa que eu tinha ao redor era as paredes do quarto, a solidão. E delas pude tirar ensinamentos que levarei para o resto da vida.

Ressalto aqui, dessa forma, a importância das leituras acadêmicas. Na correria do curso acabamos muitas vezes não refletindo sobre o que essas leituras têm a contribuir na nossa vida. Como certa vez Alarcon falou, o curso de História deveria ser feitos para todos, e para aqueles que não almejam trabalhar na área ao menos ser um hobby, e principalmente para engrandecimento pessoal. Essas leituras nos fazem refletir para além do que

está propriamente escrito, nos possibilitando articular nossa visão de mundo, o nosso cotidiano e as transformações no nosso pensamento. Essas leituras podem também ser de outra natureza, não precisando ser obrigatoriamente escrita. Podemos fazer toda as mesmas análises diante de um filme Cult ou atual, mas que trata sobre um assunto para ser debatido; músicas que comumente se relacionam a um tempo, acontecimentos e eventos históricos; imagens; poesias; cordéis; etc. Vastas são as leituras que aprendemos ser possível fazer no campo histórico e que também contribuem para nossa vida.

Associada a tais leituras podemos lembrar também dos vários aprendizados pessoais que adquirimos ao longo do curso. Nesse assunto, não existe um manual, ou regras básicas a serem seguidas, cada um trilha um caminho pessoal na trajetória acadêmica e ele se reflete nas nossas atitudes, comportamento, emoções. Não conseguimos escondê-los. Na maioria das vezes, e aqui vou relatar através das minhas experiências, chegamos na universidade com um pensamento ainda muito associado aos modelos do ensino fundamental e médio. A relação professor-aluno, a relação com os colegas, a instituição e suas regras, o intervalo. Quando saímos do ensino médio imaginamos que os professores não devem manter uma relação muito próxima com os alunos, que não devemos sair da sala a qualquer momento, devemos pedir para ir ao banheiro ou para ir beber água e os 15 minutos de intervalo deve ser dedicado a fazer todas estas necessidades para não ser necessário sair na hora da aula.

Ao chegar na universidade começamos, logo de cara, a perceber que nada desses modelos que nos foram postos durante toda a nossa vida escolar se faz concreto na nova situação que nos encontramos. Podemos ser mais próximos dos nossos professores, combinar uma feijoada no domingo na casa de um colega, ou mesmo do próprio professor, combinar uma saída na sexta-feira a noite para algum barzinho. Pagamos disciplinas com várias pessoas, de vários períodos, e podemos nunca mais voltar a vê-los no decorrer do curso, como já aconteceu comigo algumas vezes.

Todas essas relações, e muitas outras que eu poderia citar, vão sendo assimiladas aos poucos, mas nunca sem antes nos causar algum

estranhamento. Hoje já parece tão natural, que pensar um distanciamento com os alunos, agora nós na condição de professores, parece também algo estranho. No estágio que vim a realizar neste período, o último da graduação, em muitos momentos quando os alunos me abordavam com algumas perguntas um tanto pessoal no horário da saída ou no fim da aula me fazia pensar se eu deveria responder, ou qual deveria ser meu posicionamento diante de tal situação. Para mim seria natural responder e mesmo buscar manter uma relação mais próxima com eles no intuito de que eles percebam que o professor também pode ser um amigo deles, mas por outro lado eu poderia estar dando liberdade para eles tomarem outras iniciativas como certa vez aconteceu comigo quando eu estava ministrando aulas no cursinho PVS. Era minha primeira experiência em sala de aula e ainda nas primeiras semanas alguns alunos ficaram fazendo perguntas referentes a minha vida pessoal associado a perguntas referentes ao assunto no intuito de obter todas as respostas. Eu, com um pouco de inocência, confesso, acabava respondendo e a situação parecia se complicar ainda mais, pois as perguntas começavam a ser mais pessoais levando a aula para uma outra direção, fato indesejado por mim. Depois de algumas situações dessas, achei por bem ignorar determinadas perguntas vindas dos alunos, fingindo não ter ouvido, ou apenas falando para não mudarem o foco do assunto.

Com relação aos professores, imagino ter mantido sempre uma relação tranquila e legal, com alguns mais próximos do que outros, isso é normal. Me lembrarei sempre nessa trajetória de Michelly, quem me ajudou a escrever meus primeiros artigos e me fez perceber mais abertamente como era diferente a relação professor-aluno na universidade; Juciene com seu estilo mãezona sempre querendo cuidar de todos os alunos e nos fazendo pensar mais longe em termos acadêmicos; Clarindo e sua didática que nos permite conhecer mais a fundo o assunto de uma forma simples e clara; Celso que vai mais ou menos no estilo de Clarindo, mas trabalhando assuntos que muito me chama a atenção como Geração Beat, Movimentos culturais dos anos 60, o rock, Woodstock, etc.; Rogério com quem tive a primeira bolsa (pibic) em Antropologia pesquisando sobre algo muito interessante, a bruxaria (ou melhor, a wicca); Iranilson sempre atencioso, com quem tive aulas muito

importantes em Brasil III; Regina, pessoa extremamente carinhosa e comprometida com seu trabalho merecendo aqui muito mais do que essas poucas palavras pela relação que temos desde meu 4º período quando passei na seleção do PET – Programa de Educação Tutorial. Por fim, quando pensava já ter conhecido todos os professores do departamento e relatado as maiores afinidades, lembro-me de alguém que de cara gostei, Nilda. Todos esses professores que citei, irão comigo para qualquer lugar, tanto pela convivência que tivemos quanto pelas leituras que estão na minha memória a partir das falas deles em sala. Para onde quer que eu vá no próximo ano me lembrarei deles, e não sairei sem antes deixar algumas lágrimas caídas.

Gostaria de lembrar com maior carinho também do PET, o projeto em que tive muitas vivências e aprendizagens das quais nunca me esquecerei. No início, talvez pelo excesso de atividades, não tinha interesse em me dedicar. Lembro que nos 2 primeiros meses cheguei a faltar algumas reuniões, mas isso chegou a acontecer principalmente porque eu não conseguia ver onde esse projeto era melhor do que o anterior, sobre a wicca. Depois Regina foi começando a abrir os nossos olhos, “estamos sendo pagos para trabalhar” era a frase dela. Passados uns 3 ou 4 meses começamos uma gigantesca empreitada. Nos comprometemos em produzir um documentário comemorativo dos 30 anos de nosso curso de História. O grupo era pequeno, composto por eu, Fabrina, Endryws, Suleyman e Kamila. As entrevistas eram muitas, algumas com professores que atualmente moram em outras cidades e nós devíamos nos dividir para melhor realizar as pesquisas e o maior número de entrevistas dentro do prazo que tínhamos. Hoje com o documentário pronto, com um riquíssimo material colhido sobre o curso e seus professores desde a fundação, olho para trás e me pergunto onde tiramos tanto tempo e tanta criatividade, pois mesmo as primeiras edições do material foram realizadas por nós quando nos reuníamos nos finais de semana em minha casa e ficávamos o dia inteiro como se estivéssemos em laboratórios. Cansativo demais, mas compensador no final, quando vimos o auditório do centro de Extensão José Farias Nóbrega lotado com alunos e professores curiosos por ver o nosso trabalho. Depois dessa atividade e do meu claro interesse no campo cinematográfico percebi que havia feito uma boa escolha. Desde então o PET

virou a minha família na universidade, principalmente por saber que sempre posso contar com Regina, mas também pelas amizades que se concretizaram no meio do suor e das confusões. Sair do projeto no final do ano será outro processo triste, será quase como sair de casa novamente (guardando as devidas proporções).

Acredito que mais um assunto que não posso deixar de fora seja meus relacionamentos. Eu não estaria falando abertamente da minha vida se não relatasse ao menos alguns aqui. Sim, pois durante minha graduação tive em mente como principal meta aproveitar tudo que a vida me permitisse nesses quatro anos e nunca deixaria de aproveitar uma oportunidade caso me interessasse. Gostaria de lembrar que logo que cheguei em Campina Grande senti um forte abalo que depois fui me acostumando e aprendendo a lidar com isso também. Mas para quem estava acostumada a curtir coisas fáceis, sem muita conversa quando ambos querem, ver as coisas andando a passos de tartaruga foi meio deprimente. Talvez fossem minhas práticas que parecessem meio vulgar. O fato é que depois de algumas decepções aprendi com o ritmo daqui e mesmo tendo aprendido acabei não me detendo em ninguém especial. Todos aqueles que passaram pela minha vida estarão guardados e com carinho como um capítulo importante e indispensável, mas aqueles que mais mexeram comigo foram de fato do Ceará. Não creio que essas diferenças se constituam em termo de territorialidade, estaria sendo muito generalizadora se pensasse dessa forma. Talvez as minhas experiências e as práticas a que me envolvi aqui não tenham me permitido pensar por um outro viés. Mas digo de forma contente que aproveitei o máximo que a vida em Campina e de universidade me permitiu e todas as experiências porque passei foram muito importantes para mim. Não somos seres formados, dados e estáticos, pelo contrário, estamos sujeitos a mudanças constantemente e são nossas escolhas que fazem com que novas portas se abram ao passo que outras se fecham.

Enfim, quando lembro dos meus professores de ensino médio falando para curtir o tempo de universitária porque é o melhor momento da vida, suspiro e concordo com eles. O meu pode estar chegando ao fim, ou posso ser agraciada com mais dois anos em uma pós. O que posso falar é que eles estavam certos, é um momento em que tudo parece acontecer ao mesmo

tempo e você não pode se dar ao luxo de querer se focar em apenas uma coisa, pois senão no resto você permanecerá o mesmo. O universo está aberto para que você seja você mesmo, pense por si próprio, faça acontecer e não tenha medo de ir em frente, de dar um passo largo mesmo sem saber se suas pernas agüentarão. Portanto, falar dessa época para mim talvez se faça mais importante do que aquele que considerarei como a mais importante – a minha fase da adolescência – porque foi o momento em que saí de casa e encarei o mundo com meus próprios olhos, pernas e atitudes. As raivas, tristezas, alegrias, amizades, brigas com colegas de apartamento, festas, provas, tudo tem ao menos uma parte guardado nas minhas lembranças e arquivados em meus escritos.

Esse foi um relato de minha vida o qual considero um resumo pois muitas são as histórias que passam pela minha cabeça enquanto vou escrevendo essas páginas e para não encompridar tanto acabei por me deter naqueles mais significativos, os quais ainda hoje mexem comigo de alguma forma. De tudo que falei, dois são os eventos que considero mais importantes: o meu encontro com o rock (paixão a primeira vista e nunca abandonada, talvez a mais duradoura paixão que tenho depois de minha família) e a minha relação com o curso de História (escolhida desde meu 3º período como a terceira maior paixão). Se eu tivesse de me definir em poucas palavras, citaria essas duas paixões e praticamente todo o resto se desenrola dessa relação.

Para finalizar gostaria de citar um trecho da música Brave New World, da banda britânica Iron Maiden: “Wilderness house of pain/ Makes no sense of it all/ Close this mind dull this brain/ Messiah before his fall/ What you see is not real/ Those who know will not tell/ All is lost sold your souls/ To this brave new world/ A brave new world/ In a brave new world...” (Desnorteadora casa de medo/ Ela não faz sentido algum/ Aprisione essa mente, estupefique esse cérebro,/ Messias antes da sua queda/ O que você vê, não é real/ Aqueles que sabem não vão dizer/ Tudo está perdido, venda sua alma, para esse Admirável Mundo Novo/ Um Admirável Mundo Novo/ Em um Admirável Mundo Novo...).